

7ª PARTE

O Livro da Academia

A METAFÍSICA LÍRICA

de *Luciano Maia*

CLAROSCURO

*Escolto sempre
el teu etern silenci
a la muntanya.
Altres temps, altres hores
fan el record difícil.*

Salvador Espriu

*Guarda cada um de nós o que lhe cabe
saber das coisas que ninguém mais sabe.*

Jorge Tufic

*Yo soy profesor de la vida
vago estudiante de la muerte
y si lo que sé no les sirve
no he dicho nada, sino todo.*

Pablo Neruda

Aos amigos da poesia.

POEMA EM REGRESSO

Do poema em regresso fez-se o instante
mais desejado pelos meus sentidos
e os matizes mais vivos da memória
abriram sugestões inacabadas.
Trouxe o poema encontros remarcados
pelas bocas-da-noite de outras datas
e um antigo perfume... E que frescor
tomou os ares pródigos da tarde
que acolheu o poema e dele fez
mais tantos outros! E se multiplicam
as viagens por sobre o território
do país do desejo, onde a lembrança
a vastidão da inspiração alcança.

Mil novecentos e cinquenta e nove:
este ano me convida a regressar
às pretéritas horas, aos passados
momentos que a memória glorifica
e fica a glória – ou resta a ilusão
de um ter vivido e ainda um que viver.
Chegam, como num sonho, acontecidas
palavras proferidas em proveito
de um tempo sublimado: e escutá-las
é fazer caminhar o pensamento
tangido pelo sopro das vogais
e consoantes de um fala ancestrá.
Sou menino. A lua me comove
e uma canção inédita se escuta
às horas madrugadas desse então
penetrado de luz e de paixão.

16 MOTIVOS PARA UM POEMA

A insônia dos cardumes
as indecisões da vírgula
o arrepio dos gumes
a quentura da canícula.

O brilho do punhal fero
os tensos olhos do tigre
o timbre do duro ferro
o bombardeio do brigue.
O esperar do caminho
os enredos da ilusão
a última alvura do linho
as aldrabas do caixão.

Os desamores do *não*
os desatinos da lei
o verbo azul da paixão –
único que conjuguei.

ESTRELA EM CÉU VIOLETA

Foi quando a estrela aquela apareceu
e a tarde se findou em rubro ocaso.
Demorou nosso beijo sob o manto
de um céu emoldurado em tom violeta.
A tua boca murmurou-me cálidas
e sentidas palavras, tão apenas
audíveis nesse instante de delírio.
A estrela aquela nos mirou desde o alto
de um prometido céu, lume a brilhar
sobre o nosso desejo enamorado.

Desde então, lua e céu nos tem seguido
os rastros dos amantes, inquilinos
das noites que de então nos tem doado
aquele céu violeta e constelado.

MAR NOTURNO

A José Telles

Densos instantes, mares habitados
pela luz entrevada da memória –
conflagração da mente: insuspeitados
momentos augurais duma outra história.
Por que não se perderam os incontados
torpes minutos de tão pouca glória?
Por que os eventos chegam, abalados
por caminhos de lodo, lixo e escória?
A veste escura que ora traz a chuva
torna a noite mais longa, entretecida
pelas águas que tombam sem cessar.
A noite fez-se inconsolável viúva
presa ao porto deserto, ainda iludida
com um regresso de luz daquele mar.

MIRAGENS?

Interditam as horas a passagem
do tempo que cumprir não conseguimos.
Nosso oásis tornou-se vã miragem
de uns momentos: por isso ainda seguimos
como se num deserto, onde a voragem
do caminho que um dia perseguimos

vai-nos minando, enfim, força e coragem.
Mas nesse desalento, resistimos.
Viveremos as rosas e os lilases
em que o brilho do amor se concilia
com as distâncias perversas e vorazes?
Buscaremos ainda aquele dia
de sabermos de beijos – mil oásis
depois de ultrapassada a penedia?

VÉSPER LUCÍFERO

A Adrian George Sahlean

Ainda me encanta a rosa madrugada
tecida do cantar rouco do galo
e a bíblica passagem anunciada
pelo Cristo: sua força e o seu abalo.
A tarde ensolarada, ingênua e calma
com seus cantos e enredos passarinhos
embala-me inda agora, ainda me acalma
numa estação de voos e de ninhos.
Não me ilude este frio calendário
de obrigações, consumo e hipocrisia.
O meu tempo melhor é o legendário
tempo que desde sempre concilia
e em que Vésper, poeta visionário
sonha em luz ser da Lua a companhia.

QUARENTA ANOS DEPOIS

Era um sonho, apenas.
Mas o desejo de torná-lo vivo
em gesto, em gozo e em siso

ultrapassava todos os limites
possíveis de se impor
a quem fez arder no peito
a chama azul – a um sonhador.

Não se cumpriu o seu desejo.
Sabe hoje mais que ninguém
a distância entre as ilusões
da alma
e as mentiras do mundo.

**EM LOUVOR DO POETA
ÁLVARO MOREYRA**

A Romar Beling

Havia uma oliveira no jardim
da casa em que nasceu... feliz poeta!
Sobre a fina brancura do jasmim
descia a lua, pálida e discreta.
É mesmo a lua tímida, assim?
A lua incita uma oração secreta –
inquietações que nunca terão fim
na visionária mente de um esteta.
Aqueles versos que eu repito à beira
de um tempo antes de nós, no encantamento
de um céu distante, aquele que se esgueira
sobre as varandas deste outro momento
são os poemas de Álvaro Moreyra
de tempo e luz no coração do vento.

FATVM

O imposto silêncio ao nosso juízo
fala por tudo que nos é preciso.

Discurso franco e gesto de menino
destroçados ao gosto do destino.

VÁCUO VESPERAL

O que me traz esta tarde monótona
além do desejo de que termine o dia
e a noite anuncie uma quimera?
O chumbo do céu pesa sobre as horas
e o ouro do sol não visitou o verde
na ramagem da castanhola.
O carro que passou velozmente
levou a solidão para junto de outra
solidão.

Talvez à noite as moedas de prata
das primeiras estrelas cintilem
num momento em que eu sinta
um tempo menos vazio de sugestões.

Assim, talvez aquele bar me seja útil
e lá um poema me acene
a possibilidade da poesia.

TANGO

Este compasso bordeja
entre as almas em queixume.
Fogo de paixão o beija
fere-o a chama do ciúme.

Aos acordes queixosos de um bandoneon
junta-se a voz aliciante de Gardel
trespassando o ambiente algo de magia.
É o mistério de uma vida acontecida algures
numa cidade em que a noite se debruçava
sobre as varandas de uma casa solitária
deixando que do alto caísse a neblina
sobre o empedrado escurecido... E um casal
busca refúgio no Café Los Angelitos.

Geme, bandoneon, teu tango triste...

Este compasso bordeja
entre as almas em queixume.
Fogo de paixão o beija
fere-o a chama do ciúme.

SOMBRAS DO QUANTO FOR

Como as horas não cessam de passar
como passam os dias, como os anos
fazem-se décadas, séculos, milanos
assim tudo o mais passa, devagar.
Passa o teu pensamento e em seu lugar
uma outra ilusão, soma de enganos
junta-se a novos passageiros planos

de momentos de sonhos por sonhar.
Passa também o grande amor, enfim.
Passa até mesmo essa indizível dor
que vem do mundo e vai dentro de mim.
Só permanecerá um devastador
relembro longe, longe... e mesmo assim
só sombras restarão do quanto for.

DESTEMPO

Tu perdeste o poema oferecido
àquela tarde de ametista, àquela
noite em que o sonho enfim acontecido
sugeria um cromado de aquarela.
Não percebeste o instante prometido
no azul do peito, feito sentinela
daquele tempo há muito perseguido
pela intenção de te fazer mais bela.
Perdeu-se o sonho daquelora intensa
e hoje por mais que a alva porcelana
da lua a escuridão da noite vença
meu peito agora já não mais se ufana
da paixão, que se outrora foi intensa
já não me traz alento e não me engana.

POSSIVELMENTE

A Airton Monte

A tarde já se inclina, devagar
e as primeiras estrelas me serão
testemunhas de um verbo a caminhar
rumo do acaso, arauto da canção.

Dos instantes opacos apesar
tenho os momentos à disposição
de um vário pensamento a penetrar
os corredores da imaginação.
Assim, sem conhecer o seu final
componho este soneto imprevisível
sinal do ócio, talvez, talvez sinal
da minha vocação incorrigível
de viajar no tempo e, bem ou mal
concluir um poema... é bem possível.

HERACLITIANA

Eram-me antes estas flores
um afago, uma emoção
ao olhar, forma e fragrância.

Ontem, pelas cinco horas
da tarde em domingo anil
vi as roseiras floridas
pendendo dos alvos muros
da cidadezinha antiga.
Mas agora o seu perfume
não alcança os meus sentidos.

Que terá feito mudar
assim a vida das rosas
e a minha própria existência?

Nem a cidade, nem eu
nem as flores, nada mais
como antes foi um dia.

FADO MARÍTIMO

A Nélide Piñón

Despertei como inundado
de uma saudade indizível.
Vaguei por tempos perdidos
na cor do vento das eras.

Me visitou um relembro
de eventos ultrapassados.
Acudiram-me à mente
as palavras em desuso
com seus sons evocativos
do tempo dessas palavras.

Me dirigi à tristeza
das jangadas em mar alto.
Terminei por caminhar
pelas singelas aldeias
das praias de Portugal.

Hoje despertei saudoso
de nada e de tudo, ao fim.
Ouvi um fado marítimo.

O SILÊNCIO DOS NÁUFRAGOS

Os navios submersos
se despedem dos espantos
da extravagância dos versos
das lamentações dos cantos.

Naufração de almas e corpos
em fundas evocações
dos itinerários tortos
de desvalidas canções.

Espumas como mortalha
de afogados insepultos
sem ladainhas... Que valha
o silêncio dos seus vultos.

AS ÚLTIMAS ESTRELAS

Quando vier a dor, a última dor
ao coração te restará remédio?
Pois seja ela suave como for
virá tingida de negrume e tédio.
Não haverá amanhecer mentindo
aos sentidos, enfim cristalizados
no repassar daquele tempo infindo
varadouro de todos os passados.
Mas as estrelas banharão teu rosto
e o teu saudoso olhar buscará lê-las
nesse instante fugaz em que o desgosto
te olvidará e, de repente, ao vê-las
te esquecerás também do luto posto
em nosso céu de sonhos e de estrelas.

AS CHUVAS BISAVÓS

*Aos meus irmãos e irmãs
Napoleão, Mônica, Hortência e Virgílio*

Do caminho que chega ao meu relembro
tornam chuvas há muito acontecidas...
Odor da terra recém visitada
pelas águas de um céu pródigo em pranto.

O meu avô, sisudo, saudava as chuvas
lacônicas como "aguazinhas passageiras"
e dizia, num tom nostálgico: - *Ah,
as chuvas daquele tempo!...*
Nos olhos do meu avô, uma visita
daquelas chuvas que encantavam os meninos.

Hoje escuto os trovões no céu urbano...
Mas aquele caminho em meu relembro
traz-me o cheiro das chuvas bisavós.

RIO DE VAU

Naquela noite claríssima
atravessei o rio de vau
e o luar beijando
o espelho da correnteza
fez-me experimentar
a alegria dos peixes
mesmo eu não sendo
um seu igual.

Acima, bem no alto do céu
a lebre chinesa dava um salto
na superfície da lua...

ERA UMA VEZ...

Chegado à praça, ele viu como todos
estavam à sua espera.
Eram as sete horas da noite, dos postes
descia uma luz alaranjada e hesitante.
Os mais jovens, tagarelas, riam por nada.

Explico: era 1957 e aquela cidade
era ainda pequena e ingênua, à beira
daquele rio.

O MENDIGO

O mendigo alquebrado e envelhecido
homem do sertão banido
para o cinturão de lixo da metrópole
não tinha aprendido a arte de furtar
assaltar ou matar.

Hoje, neste começo de século horrendo
olha pasmo para tanta correria
buzina e atropelamento e assassinato
e até se condói com a vasta
infelicidade estampada
na cara das pessoas da cidade.

*- Vou voltar, custe o que custar
mesmo que seja a pé, para o sertão.
Quero terminar lá perto
do que foi um dia a casa da minha avó.
Morrer em paz, doutor.*

POEMA DO BÊBADO

Uma luz longe e fria levantou-se
entre os vãos desolados da memória.
Neste instante, por pouco, ainda lembrou-se
dela, daquele adeus e sua inglória
passagem, mais amarga do que doce.
Entre tantas iguais, a sua história
no descaso e no tédio dissipou-se.
E mesmo que hoje, só, assaz deplora a
vida, que não lhe escreve outro romance
já não lhe ocorre nada, um dia igual
ao outro se sucede e ainda que canse-
lhe o álcool, companheiro mui leal
entrega-se a esse vício, uma nuance
de sorver seu destino, tão banal.

SONETO DO CARNAVAL DE 1971

Os metais adentraram madrugada
e uma bizarra luz acompanhou
uma garota desacompanhada
e diante dela pôs-lhe este que sou.
Ouvimos sons e nós em debandada
do mar, que num indeciso *vou-não-vou*

serviu de testemunha àquela fada
cujo reino encantado abandonou.
Quase manhã, estrelas reluzentes
narravam confidências... nem sinal
dos metais repetidos e estridentes.
Extenuados, dormimos... cada qual
sonhando as labaredas persistentes
sobre as cinzas daquele carnaval.

PEQUENA ROMANÇA DO CAMINHO DE FERRO

Dobrou-se. Não, desdobrou-se
sobre um verde matizado
de uma coloração doce
do país nunca encontrado.
Há quem diga que não fosse
um desejo inalcançado
mas persistente, cansou-se
de tanto sonho fanado
o pensamento, que pôs-se
a buscar o inexplicado
país. Aí, acabou-se
sobre o trilho enviesado
(descoloração precoce)
do país nunca encontrado.
Desdobrou-se. Não, dobrou-se
esse caminho inventado.

O VASO IMPERFEITO

Inspirado em Omar Khayyam

Aquele pobre vaso deformado
está a um canto, não o vê ninguém.
O tempo passa, sempre descuidado
pelo vaso imperfeito, como quem
não lhe atribui nenhum valor: a um lado
resta a deformidade, mas também
lança a argila seu grito aprisionado –
Que culpa posso ter? Ouçam: alguém
que me fez foi um mal intencionado!
Ou, quem sabe, a mão do Grande Oleiro
tremeu ao ver-me em vaso transformado
no timbre deste mundo passageiro.
Consentiu ver-me barro mutilado
pela mão de um artista zombeteiro.

RISO E PRANTO

Não somente alegria: também triste
pode suavemente nos sorrir
o velho artista, em quem sempre existe
a aceitação do mundo e no devir
do choro da criança, quando insiste
no sentido da vida, há de existir
um sorriso também, no lábio em riste
de quem à vida tem que resistir.
Mas, resistir à vida? Por que não?
É dela que nos nascem tantas dores
por ela é que se agita o coração.
Para risos e prantos chegam flores
às vezes perda, às vezes doação –
A treva e a luz: paixões e dissabores.

ESTRANHO TERRITÓRIO

O lugar revisita-me a infância
no longe emaranhado da memória.
Funda-se agora numa outra distância
e me narra, afinal, uma outra história.
Não me atrevo a negá-lo. No entretanto
quando atira-me à mente um novo enredo
da meninice, um estranhável manto
de brumas e incertezas me põe medo.
O lugar é o mesmo? Outro serei?
Ou é outro o lugar e eu sou o mesmo?
- Ambos mudamos: eu e o lugar!
Daquela infância, longe, me exilei...
A revisitação será a esmo –
não há onde o meu rosto se espelhar.

O PEIXE AZUL

A José Bezerra

Salomão saiu às quatro e meia.
Deixou a porta aberta, como aliás esteve
durante toda a noite.
As últimas estrelas lhe disseram bom-dia
e Salomão caminhou até o açude velho
onde pescara em julho do ano passado.
As águas pareceram-lhe mais fundas
do que as águas de todos os anos anteriores.
Mais misteriosas, as águas.
Ia agora usar depois de um ano quase
a tarrafa recém consertada.
Lançada sobre as águas frias, imergiu

lenta e pesada.
Pescou um único peixe: azul da cor
da manhã já anunciada, tangida pelo sol
lendário da caatinga.

SALMO 2011

- Senhor, por piedade! A vida está perdida
na miséria e na opulência! Aplacai a sanha
desta exausta e incansável humanidade
construtora do progresso tecnológico
e destruidora das fontes, das torrentes, dos lagos
dos rios, das selvas, das planícies, das praias
dos mares, dos ares, da beleza, do amor, do céu!
- Senhor, por piedade! A vida está perdida...

POEMA 31

A Carlos Augusto Viana

Sinto o perfume de muçambê
na tarde inclinada sobre os alpendres.

Na Avenida Paulista ou nos Champs Élysées
na Baixa Lisboaeta ou na Via Apia.

Não importa a latitude ou a longitude
o pensamento adentra o tempo extinto.

Sinto o perfume de muçambê na tarde
deitada sobre as platibandas...

Não importa o livro que se leia
seja o Eclesiastes, Shakespeare, Sartre, Neruda.

Não importa tal ou qual conjectura psicológica.
Não importam as lições extraídas
das viagens, das conferências, das academias.

Sinto o perfume de muçambê na tarde
curvada sobre os telhados
de uma ruazinha que recorda
um poema de Mário Quintana...

À BEIRA-MÁGOA

A Marly Vasconcelos

Fim de tarde... a lucidez
crava em meu peito o punhal.
A memória faz-se indez –
sumário de todo o mal.

A tarde cinzenta encobre
a vida humilhada e triste.
No olhar da criança pobre
só desesperança existe.

Uma ave passageira
pousa em distante varal.
O poente encobre a inteira
melancolia estival.

Voa um suspiro de chuva
à beira da tarde finda.

Uma reza de viúva
da igreja resvala ainda.

Aquelas passadas águas
me fazem mais triste, enfim.
Vão umedecendo as mágoas
que chovem dentro de mim.

SONETO DO ARTISTA CEGO

Não tornará a renascer o dia
para ti, ó poeta em noite densa!
O teu olhar, que outrora as cores via
hoje na cor do enigma se condensa.
A canção que tua amada noiva ouvia
cantares, penetrou-se de uma imensa
nota em menor, distante melodia
e cantá-la não mais te recompensa.
Toma o violão, Homero desvalido!
Busca arrancar-lhe ainda alguns acordes
de um claro tempo, com luz e sentido.
Talvez, embora cego, ainda acordes
num alvorecer fora do tempo havido
e das cores do dia te recordes.

UM NAVIO DANDO ADEUS

omero desHIII

Além, bem mais além, bem mais além...
Para além da penúltima atalaia.
Longe, de onde a lembrança não retém

mais do que a onde triste que se espraia
sobre as areias e os sargaços, sem
mais definir-se o rosto dessa praia.
A vastidão do mar, longe também
só um quase rumor ainda ensaia.
Apartado do tempo desse mar
não vislumbro por onde navegar
e já não sei da foz daquele rio.
Adernado em soturno varadouro
perdeu a rota azul dos sonhos d'ouro
e me acena um adeus o meu navio.

CHUVA, TÉDIO, ÓCIO

A Francisco Carvalho

Os sons do fim-de-noite não me iludem:
é vasto o território destinado
ao percurso dos ventos e das nuvens
inclinadas num céu involucrado
por espesso matiz na cor da chuva
desenhada ao nascente iluminado.
Os ciprestes esbeltos se recurvam
aos gestos do horizonte trovejado.
A visita das águas retardou
a visita do sol naquele março
em dia de crendice e de equinócio.
A ruazinha toda se inundou
e as horas demoraram-se num esparso
caminhar junto ao tédio, rumo ao ócio.

MATURATUS AMOR

O teu sorriso não me esquecerá.
Nossos momentos de tristeza e pranto
serão também, depois do que virá
entendimento, entusiasmo, espanto.
Tarde de outono nos acolherá
e sobre nós derramará seu manto
para chegarmos à certeza: o que há
de vir virá, depois, também, enquanto.
A lua de antes, nossa lua, aquela
confidente dos sonhos namorados
reaparecerá junto à janela
perpassada dos céus mais constelados
e um domingo, tecido de aquarela
há de encontrar-nos juntos e abraçados.

ELEVAÇÃO

A Clauder Arcanjo

Elevarei um hino de alegria
na saudade e no amor edificado
como numa ode antiga, em simetria
aos poemas com cheiro de passado.
Louvando o bisavô que aqui sorria
ouvindo o passarinho descuidado
elevarei um hino de alegria
ao meu país por sonhos habitado.
Recordarei os rios da memória
e não me olvidará aquele dia
onde teve começo a bela história
da nossa gente, onde principia
o território da lembrança flórea –
elevarei um canto de alegria.

POEMA NEO-SIMBOLISTA

Quando findou-se o Dia promissor
chegou a Noite escura, indiferente.
Noite de pedra... seja como for
vi minha vida presa, de repente
daquela imensa, insuportável Dor
que mói tudo o que vai n'alma da gente.
Calou a voz o Pássaro Cantor
perdeu o riso a Fonte Sorridente...
Outro dia virá ainda acender
as luzes aurorais da Juventude?
Pássaro e Fonte, em novo amanhecer
ainda trarão o Cântico que ilude
as almas, renovando-lhes o Ser
e farão com que o Mal em Bem se mude?

VIRTUS VIRTUTUM

Tem-se que Amor está entre as virtudes
ainda que amar não é porque se queira.
E quando amas deveras não te iludes
quando deparas uma vida inteira.
Dessemelhante de outros bens, o amor
aumenta se o entregas aos demais.
Por isso, ama, seja como for
e não deplorarás isto, jamais.
Nada terás que prometer, apenas
ama sem condição, pois a promessa
às vezes traz consigo duras penas.
Não precisas contar ou medir nessa
doação: goza as horas mais serenas
daquele bem que só o Amor confessa.

PHOENIX

A Gina e Randal Pompeu

Vida não há que permaneça infensa
aos solertes caprichos do destino.
Diz quem ama, porém: o amor compensa
com momentos de luz o desatino
que nos reserva este imperfeito mundo.
Dos amantes a força pressentida
ao amor dá o sentido mais profundo
a quem já teve a vida oferecida
no altar do imensurável sacrifício
onde os que amam morrem, renascendo
num duradouro e redimido amor.
É este o mais reconfortável ofício:
quem se entrega a esta morte, irá vivendo
das cinzas ressurgido, imune à dor.

PARTIDA

Eu te confesso que já não me iludo
com os acenos da noite iluminada.
E já consigo permanecer mudo
à louvação – mentira anunciada.
Procurarei permanecer, contudo
imune à pena desproporcionada
ao que o mundo oferece: dores, tudo
que ao fim e ao cabo na verdade é nada.
Se tu partires, não irás sozinha –
a singela alegria de viver
foi muito nossa e toda foste minha.
Se mais eu te consigo oferecer
é deste poema a derradeira linha:
eu saberei, amor, também morrer.

HERALDOS NEGROS⁸⁷

O vento é mensageiro sem horário
não promete trazer boas notícias
não descansa do seu itinerário
e desdenha cansaços e preguiças.
Há um vento geral, veloz, gregário
que arrebanha outros ventos, reza missas
no altar-mor de um cerro imaginário
zunindo às ouças das águas mortijas.
Outros ventos diversos há no mundo
a fortuna girando ou a pouca sorte
partindo de altos céus de azul profundo.
E há, enfim, um vento que o recorte
do destino reserva àquele fundo
e indesejado instante – a própria morte.

MARIN SORESCU DIZ POEMAS ÀS CADEIRAS

A Elena-Liliana Popescu

As cadeiras serão receptíveis
à linguagem volátil do poeta
quando os instantes irreconhecíveis
- a curva inesperada, a linha reta -
são os imponderáveis e difíceis
resultados da luta de um esteta.
A metáfora aflora de invisíveis
arcos tendidos, de onde parte a seta.
As cadeiras dispostas na calçada
à hora em que boceja o fim do dia

87 O título homenageia o poeta peruano César Vallejo, que escreveu "Los heraldos negros".

aguardam a palavra anunciada
pelos lábios da doce melodia.
Senso agudo tiveste ao ver que nada
mais que as cadeiras, ouve poesia.

OS BARCOS DA JUVENTUDE

A Ildásio Tavares

A vida em sonho, a hora consentida
as lembranças regressas de um passado
que jamais foi um paraíso em vida
mas foi, a um tempo, um éden imaginado.
Versos que em minha juventude havida
me conduziram ao torrão amado
daquela pátria apenas pressentida
por mim, então romântico soldado.
Os versos de Cecéu, sangue e sufoco
e os de Gonçalves Dias, vate insano
nas perdas de um amor que não foi pouco.
Foram versos ditados pelo Arcano
de uns templos submersos, grito louco
dos barcos naufragados no Oceano.

BRISA E INFÂNCIA

A brisa desta manhã
traz-me uma tênue lembrança
daquela aurora louçã
que a memória ainda alcança
numa tentativa vã
que contra o tempo se lança
qual se a brisa fosse irmã
do meu tempo de criança.

TUMULTOS DO VINHO

Recordo o vinho que sorvi em meio
à noite tumultuosa e transbordante
e o teu sorriso de brancura cheio
trazendo permanência àquele instante.
Sobre o que ali se deu, hoje passeio
olhos descrentes de exilado amante.
Já não me iludo, hoje já não creio
nos milagres de um vinho tão distante.
As nossas bocas, antes inquietas
taças sedentas, hoje são discretas
testemunhas do longe em que caminho.
Mas se a noite transborda, o seu tumulto
desenha atrás das luzes o teu vulto
e recordo outra vez aquele vinho.

FILHAS DE DEUS

Manuel Bandeira suplicou às Musas
pela estrela suspensa na manhã.
Entre os poemas seus, algo difusas
luzes vindas quiçá de Aldebarã
iluminaram o longo seu trajeto
de poeta sozinho, mas na sua
consciência de à mingua de um afeto
ser solidário, em todo o seu afã
com poetas pobres, mas principalmente
com as mulheres do beco, as prostitutas
a quem quis dedicar uma ode inteira
daquela Lapa em que, diuturnamente
assistia às frenéticas labutas
sobreviventes... Ah, Manuel Bandeira!

EM LOUVOR DO POETA GONÇALVES DIAS

O índio ideado por Gonçalves Dias
habitava da selva nos verdes.
Eram o sol e a lua as companhias
dos seus refúgios e dos seus amores.
- Vem comigo, sentir as alegrias
acesas em meu peito e aquelas dores
que intensas chegarão nas noites frias
quando num tempo mau de mim te fores.
O índio timbira, do éden no universo
não sabia mentir e a natureza
era-lhe a irmã diletta, no disperso
e imaginário mundo da beleza.
Hoje, mesmo num mundo ao seu reverso
o Poeta traz no peito a luz acesa.

CHUVAS EM MARÇO

O arco da chuva disparou mil flechas
de água sobre a caatinga de um tom gris.
E o camponês ouviu vir pelas frestas
da janela a canção – tarde feliz!
O seu tosco aposento esguia réstia
de lua, vinda a noite, também quis
saudar e àquela alma tão modesta
mas de crença e virtude as mais sutis.
O arco da chuva, nos seguintes dias
retesado, outras vezes enviou
flechas de água, de verdes e alegrias.
E o campônio outra vez o chão lavrou
e as suas mãos calosas e vazias
o céu daquele março abençoou.

ABRIL, SE A FLOR...

Abril, se a flor se abrir esplendorosa
sob o constante ou intermitente gume
do sol, se o dia que as delícias goza
da flor o seu mistério e o seu perfume
trouzer a cor da mais nuançada rosa
se a alegria acender, enfim, seu lume
se a paixão for cantada em verso e prosa
e se o luar – como antes, de costume –
voltar a sua face e o seu fulgor
aos namorados, como antigamente
eu cantaria ainda aquele amor
e confessá-lo-ia intimamente
ao teu ouvido... Seja como for
abril se abriu de novo, abril não mente.

POR ENTRE OS DEDOS

A Núbia Garcia

Como adentrar o tempo impenetrável?
Como fugir das horas que nos cercam?
Imune ao tempo existe algum lugar?
O tempo é o presente impresentido
a buscar o futuro que não deixa
de estar sempre por vir, sempre a chegar.
Corre o vento entre as nuvens apressadas
levando nossas velhas novidades
a outro tempo, aos ouvidos de outro mar.
Tudo se escorre por entre ágeis dedos
tudo escapa à medida dos instantes
relógio sem ponteiros que marcar.

MANHÃ, TARDE, NOITE

Quantas manhãs perdidas, empurradas
pelo sopro veloz e malfazejo
de um tempo assaz atroz, quanto desejo
malogrado nas horas apagadas
da tarde apunhalada por um beijo
nunca cumprido, quantas malfadadas
promessas sem enredo, abandonadas
sem que encontrassem do instante o ensejo!
Manhãs perdidas, perpassar dos anos
nas tardes das pretéritas canções...
Manhãs, tardes, despidas dos enganos
da noite infinda em suas sugestões.
Nela imergem plebeus e soberanos
as suas derradeiras ilusões.

VIAGEM FEBRIL

Ontem, com febre ardente, sobre o leito
quase dormindo, andei como vagando
pelos entardeceres... neste quando
meu coração se aquietou no peito.
Me conduziu a febre ao mais perfeito
território do sonho, desvendando
pretéritas paisagens, me levando
à calma plenitude de um proveito.
Sombras e luz, intermitentes brilhos
sobre os monocromáticos ladrilhos
de uma casa faustosa e de um casebre.
Lembranças retornadas, mas distantes
o itinerário dos caminhos de antes –
fiz a viagem onírica da febre.

TEMPESTADE

Agora, a tempestade: volta o vento
de paragens julgadas esquecidas
longe das calmarias destas vidas
de agora. Volta longo e violento
trazendo à superfície do momento
tumultos, sonhos, horas abolidas
águas correntes quase impresentidas
nestes tempos de néscio esquecimento.
Eu amo a tempestade retornada
de onde já se pensava não ser nada –
território em degredo, do ermo, enfim.
A voz da tempestade nos convida
a não nos deslembrarmos de uma vida
à qual dissemos *não*, em vez de *sim*.

A FLAUTA E A LUA

As vozes fluviais da minha terra
falam das outras sepultadas vozes
sob a laje sombria de um história
narrada quando a noite se vestiu
de luto e os cantos se fizeram mudos.
Não sou capaz de regressar as falas
desses mortos ausentes dos relatos
dos que sangraram luas e lendas.
Mas escutando, à noite, a melodia
dos rios e a ciranda das estrelas
pressinto ressurgir uma canção
da gleba estremecida: ouço rumores
distantes, recordando a flauta nua
sob o manto de luz da antiga lua.

A LUZ CEGA

O céu por cima das árvores
professa lições de altura.
O cego em sua azulada
noite não vê quão escura
é a noite precipitada
sobre a tristeza da rua.
O tempo da noite tarde
outras lições insinua.
O cego não faz alarde
da luz azul, que é só sua.

VOO E QUEDA

A Arnaldo Fontenele

O coração alcança outras alturas
mais que as meras alturas da razão.
Sobe aos cumes esguios da ilusão
do arco-íris adentra as cores puras.
Pássaro louco, torna das lonjuras
dos territórios da imaginação
qual um adestradíssimo falcão
mensageiro veloz sobre as planuras.
Meu coração, falcão visionário
sonhando refazer o itinerário
da juventude, quer, anseia, arde.
Alça-se em voo sobre a paisagem linda
que a asa da memória traz-lhe ainda.
Porém se desilude... É muito tarde.

CRÔNICA DAS ESPERANÇAS MORTAS

A Ivan Junqueira

Poço do tempo: um pensamento emerge
colhido pelas luzes subterrâneas
de noites plúmbeas, noites naufragadas
sob as tácitas vozes, cada vez
mais distantes... Palavras retornadas
do jazigo girante do Oceano.
Idades mortas, séculos vorazes
de sua própria ampulheta, em singraduras
cegas, em turbilhão, ante os ciclones
de um mundo sempre tão severamente
flagelado por mãos endereçadas
às rapinas, aos saques, às matanças.
Não finda aqui a crônica em que a língua
narra tanta esperança morta à míngua.

UM SINO TEMPO AFORA

Deixai-me entregue à distância
entre a dor e o desalento.
Não se cale nem se canse a
canção do olvido em lamento
preso à dolorida ânsia
que tange este dia lento.

Com o desrelembro afugento
aquelas tardes de outrora
sobre o traje poeirento
das estradas, onde chora
um sino na voz do vento
desde aquele tempo afora.

MAR POSSÍVEL

A Marco Lucchesi

Um barco sob um céu adamantino
transpõe as ondas sobre o precipício
daquele mar distante e fictício
na onírica viagem de um menino.
Em seu sonho, esse barco peregrino
não lhe acena retorno nem indício
de que um dia termine o seu ofício
de navegar em mar esmeraldino.
Arrojado batel, vence a procela
e a silhueta, outra vez esguia e bela
ostenta contra a cor do céu medonho.
Refaz as mil e uma singraduras
e tantas mais navegações futuras
naquele mar possível do meu sonho.

OUTRAS ODES EÓLICAS

ODE AO DENTE DE ALHO

A Valder Magalhães

Dente de alho, fulgor pisado,
chama acesa, quentura, paladar ardente.
Invades os espaços de casa
espargindo a sugestão
do perfume entranhável
do almoço.
Desde o meu quarto
sinto o quanto já recendes

na cozinha onde reinas
junto à cebola, ao cheiro-verde
ao azeite e ao açafião.
Dente de alho, flamejas ao meu dente.

ODE AO CAVALO MARINHO

A Raúl Lavalle

Cavalinho mitológico, longinquamente
te assemelhas ao cavalo *equus*.
Cabeça sobre anéis, girando
nas funduras oceânicas.
Tua mitologia, hipocampo bailador
eu a descubro agora
nesta ode recordando
um poema em louvor
de Alfonsina e em louvor
do mar em que naufragaram
os seus versos mais tristes.
Hipocampo, tu gestas poemetos
minúsculos para as estrelas do mar
e uma canção abissal
para as almas dos poetas mortos.

ODE À MESA POSTA

A Romeu Duarte

Que cheguem os comensais
para esta ceia compartilhada
entre os que se nutrem
de poesia e vinho e pão.
Que ceieemos juntos esta dádiva

do paraíso anunciado.
Que venham do Reino do Mar Longe
as especiarias e a evocação e o louvor
deste alimento –
doação aos espíritos famintos desta
comunhão singela da mesa posta.

ODE À ROSA-DOS-VENTOS

A Henrique Bayma

Despetalada pelos sopros cardeais
a rosa-dos-ventos aponta múltiplos
destinos e gira sobre si mesma.
De norte a sul
traça os caminhos imaginários
dos meridianos, permitindo
ao sol levante descrever
o seu arco de fogo
antes de ajoelhar-se
no altar do poente
sempre acompanhado
do vento anunciador
de um poema inesperado.

ODE AO MEL DE ABELHA

A Simone Trindade da Cunha

Sob o sol crepitante dos Inhamuns
ainda se move a doce Jandaíra
abelhinha sem ferrão
sobre as flores do marmeleiro bravo
do cumaru, da umburana

e do pau d'arco. E depois
em setembro, ao tempo das lendárias
chuvas do caju, inventa
o mel mais doce mel
que o paladar humano visitou.

ODE À *LUA CRIS*⁸⁸

A Carolina Campos

Sexta-feira, 13 de agosto de 1929.
Uma vênus sertaneja
se despede do noivo
e se retira ao seu aposento.

Seguindo pela trilha
rodeada de cardeiros e velames
fantasmagóricos na madrugada,
alguém a cismar
lá pelos longes do coração do Ceará
evita olhar para a lua.
E a *lua cris*, acometida
de icterícia, amarelona no alto do céu
violeta, o faz rezar em voz alta.

- Acorda, Dolorinha, olha a *lua cris*!
- Acorda, goiabeira, olha a *lua cris*!
- Acorda, minha noiva, olha a *lua cris*!

Evita olhar para a lua.
Nenhuma estrela lhe acena
desde o azul da noite escura.

⁸⁸ *Lua cris* é expressão sertaneja, quase em desuso. Eclipse da lua

QUADERNO DE VERÃO

LISBOA

A Juarez Barreira

I

Lisboa, ó rapariga travessa!
Amo o teu cheiro a mar e a vinho
o teu sorriso o teu fado a tua canção
de estranhas navegações.
Ah, a Nau Catarineta...

Daqui deste quarto de hotel
vejo o Castelo de São Jorge
sob um manto violeta.

A colorida praça me convence
ser a hora propícia a um bom trago
e me apresso a andar pela Figueira
e logo chego à Praça Pedro IV.

Aonde vou?

II

Final de tarde de julho
caminho pelo Rossio
penso naquela Lisboa
com os velhos barcos no rio.

Caminho a passadas lentas
sob as primeiras estrelas.
Penso num gole de vinho
ao ver as luzes vermelhas.

Já chego ao Café Nicola
o desejo aumenta e age –
Peço logo um Esporão
e ergo um brinde a Bocage.

Aqui no Café Nicola
bebia o grande poeta
quando, uma noite, ao sair
ouve um voz indiscreta.

Logo percebeu Bocage
ser a polícia afamada
sisuda àquelas desoras
pouco riso e bem armada.

- Diga quem é, de onde vem
e também para onde vai.
De pronto, o poeta fala
e até muito bem se sai:

- Sou o poeta Bocage
venho do Café Nicola;
irei para o outro mundo
se me dispara a pistola.

Moço, traga-me outro trago
cá não haverá engano:
vou tomando aqui meus goles
em homenagem ao Elmano.

Lisboa, rapariga travessa
eu quero um bem danado
à tua atmosfera de cidade
estelar, de Ulisses
e tantas marés de aventura.

III

Caminho pela cidade primordial
com perfume de tempos pretéritos.
Escuto os sons quinhentistas
a repassarem por cada esquina
da Alfama e do Bairro Alto.
Lisboa, aceita um vinho em honra
àquele passado e brindemos também
aos anos futuros. Eu sei que o amor
não morrerá jamais em Portugal.

CUIRA

A Andreas Gabriel

I

Segue a minha curiosidade
por uma viela à beira-rio.
Via da la Plessur, per plaschair.
O rio Plessur atravessa Cuira
a capital dos Grisões.
Cuira diz *guten tag* e diz *danke*
mas os engadineses, os surselvanos,
os sutselvanos e os surmiranos
do Cantão dos Grisões
agradecem à *Lia Rumantscha*
pelo labor em favor
da *quarta lingua*.
- *Bun di, Lia Rumantscha. Grazia!*

II

Aqui comigo, em seus livros
os poetas romanches falam
em sua harmoniosa língua
da chuva, da neve, dos montes
dos bosques, dos rios, do sol
da lua, do inverno, da primavera
do verão e do outono:
de todas as faces e cores
da natureza alpina.

Porém do que falam verdadeiramente
esses inspirados vates
com o coração nos lábios
é do seu próprio idioma, ilha
cercada em todos os lados
por línguas ditas maiores.

Romanches, irmãos latinos dos Grisões!
Não deixareis jamais sucumbir a vossa fala
serena e grave, rude e sonora
a um só tempo flauta doce do monte
e trovão no céu de chumbo dos Grisões!